

## REFLEXÕES DE FREIRE SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL

Alfredo Dib<sup>1</sup>

Freire, viajando pelo mundo, vivenciou culturas diversas<sup>2</sup>. O contacto com culturas distintas significa contínuo aprendizado do outro e de si mesmo. Conviver com as diferenças, ouvir e entender o outro, exige tolerância. Sem uma compreensão crítica do diferente corremos o risco de sermos severos no juízo de valor da cultura do outro. Tolerância, no nível político, significa saber conviver com o diferente.

Freire escreveu parte de sua obra em diálogo. Nos livros dialogados, “Freire” se identifica sempre com o nome de “Paulo”. Ele não é Freire quando dialoga com outros. Ele pode ser Freire em uma entrevista ou uma palestra, mas não em um diálogo. Paulo é o oprimido; é pobre sem estudos, Freire morou na Suíça e tem nível universitário. Paulo é um ser como outro qualquer: marido, pai, trabalhador, que passa por momentos difíceis. E Freire, quem é? Freire é um crítico, um escritor, um professor, um gênio, um filósofo que marcou uma nova era na pedagogia mundial. Mas não é assim que se apresenta ao desenvolver os livros dialogados. Quando conversa com os seus companheiros, conversa livremente, criativamente, desafiadoramente, mas também afectivamente. Desta forma não pode ser Freire, mas sim Paulo, se libertando e libertando aos outros também. Freire não quis para ele o que, exactamente, sempre

---

<sup>1</sup> Coordenador do Curso de Graduação em Administração da Faculdade de Administração de São Paulo. Doutorando da Universidad Complutense de Madrid em cotutela com a Universidade do Porto. Com o apoio do Programa Alban, Programa de bolsas de alto nível da União Européia para América Latina, bolsa nº E04D047652BR. alfredo.dib@hotmail.com

<sup>2</sup> Referência bibliográfica deste texto: Freire, P. e Faundez, A. (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

acusou: a confusão entre a liberdade de oprimir e a liberdade de ser. Chamava aos seus parceiros nos livros falados também pelo primeiro nome. Mantinha assim a simplicidade, a humildade e o respeito tão necessários para a construção de um diálogo verdadeiro, horizontal, democrático. E ao mesmo tempo, constituía a seriedade e a transparência para o leitor na construção livre e desafiadora das idéias.

A cultura é a razão de ser do ser humano. Em uma das suas cartas a um amigo, Freire diz que “se não fossem as marcas da nossa cultura, presentes, vivas em mim, marcas que eu cuido com carinho, a minha andarilhagem, que hoje, por causa dela, tem uma significação profunda para mim, se tornaria um puro vagar pelo mundo, sem razão quase de ser” (1985: 32). O confronto de culturas existe já no interior do ser humano. É necessário ser consciente de sua herança cultural sem torná-la absoluta, para poder então se abrir para uma nova cultura sem que esta invada e reprima. Assim, Freire mostra em várias obras a influência de sua estrutura familiar e de suas viagens pelo mundo: a influência dos seus pais no seu aprendizado, sua dificuldades financeiras, a relação com seus irmãos e o amor pelo seu núcleo familiar. E ainda mostra como, enquanto exilado, encontrava momentos de liberdade.

Freire revela momentos do seu cotidiano para explicar relações complexas. A manifestação e a prática da identidade cultural estão no cotidiano. O cotidiano revela a possibilidade de como podemos ser coerentes com as novas idéias e valores em nossas próprias acções. “Tudo o que afirmamos e defendemos, tanto em nível político, como filosófico e religioso, deve ser expresso em acções pertinentes” (1985: 35). A experiência no Chile demonstrou que todas as afirmações abstractas não se confirmaram nas prácticas individuais. Assim “éramos revolucionários em abstracto, não na vida

cotidiana. Creio que a revolução começa justamente na revolução da vida cotidiana” (1985: 35). E também no cotidiano Freire mostra sua coerência interior, suas crenças e suas atitudes na interação com o mundo: estava sempre disposto a estar em contacto com “rebeldes”, sindicalistas, representantes da comunidade local. Mais do que isso, os ouvia e citava em seus livros o que aprendeu com eles, mostrando seu entendimento sobre educador-educando e como pode ser a leitura do mundo diferente da leitura escrita. Ao citar suas conferências e o contacto com o povo, mostra o aprendizado fora da escola: o aprendizado na rua, na vida, no cotidiano das pessoas comuns de vida sofrida. Freire criticava a educação para morte, valorizando, sobretudo, uma educação e uma ação para a vida.

O conhecimento é instrumento para entender a realidade. O verdadeiro é a busca e não o resultado. O conhecimento também. O caminho para fazer e alcançar este conhecimento é o diálogo. Esta é a importância da democracia e também da formação problematizadora para a intervenção e participação crítica e consciente. O envolvimento criativo e não ingênuo se faz também mediante uma visão de mundo que possibilite a liberdade. Mas o diálogo mantém nas relações sociais e no ambiente educativo uma conotação de fraqueza, porque é exactamente assim que a ideologia dominante entende a liberdade: o direito de oprimir o outro. Oprime-se com a condução linear da verdade, com a hierarquização de idéias, com o domínio de um saber único e indiscutível. Freire sempre atribuiu ao diálogo uma das bases do seu pensamento. No entanto, quando de sua palestra em Harvard, metade do auditório se retirou quando ele apresentou sua proposta: “Farei uma pequena exposição de 20 minutos e depois abriremos para o diálogo”. Não é difícil encontrar grupos de alunos que relacionam o professor que dialoga com um professor fraco, que consideram o “bom” professor como o que manda,

que determina, que “sabe conduzir” a classe. É também muito comum encontrar professoras e professores que não somente concordam com esta idéia mas também a praticam. Freire destaca que o intelectual deveria saber que o seu saber não é nem superior nem inferior à sensibilidade popular. Um conhecimento fechado corre o risco de fugir da realidade das ruas, do cotidiano. As classes populares, como os intelectuais, não são puras. Este discurso vazio do intelectual pode torna-se muito produtivo para as classes dominantes, cuja ideologia se cristaliza em práticas e não em discursos.

Na educação problematizadora a relação educando e educador é dialógica. Este diálogo permite ao educador desenvolver uma pedagogia *com* o educando, e não sobre ele ou para ele. Esta fórmula contradiz a forte raiz cultural que determina ao professor o dever de ensinar e ao educando o de aprender. O educador ao ensinar aprende: por isso não é só educador, é sim educador-educando. O educando que ao aprender ensina não é só educando e sim educando-educador. Mas neste processo educativo a curiosidade do educando pode abalar o educador-autoritário porque este não se compreende como educador-educando. Percepções diferentes do problema poderiam proporcionar ao educador-educando maior criticidade e aprofundamento da questão. Neste processo, enquanto o educador reconhece o educando conhece. O diálogo como mecanismo no procedimento democrático não pode ser confundido com fragilidade ou autoritarismo. Democracia e liberdade proporcionam a rigorosidade e responsabilidade do acadêmico, do cientista, do educador, do educando. É falsa a ideia de que na democracia e na liberdade tudo se pode porque isso comprometeria a responsabilidade. É exactamente com liberdade que a criação, a aventura, o risco ocorrem de fato e por isso a responsabilidade e o rigor são tão importantes nas relações sociais. A licenciosidade

permite a falta de compromisso verdadeiro e por isso não pode representar uma verdadeira responsabilidade.

O diálogo é valioso porque é o canal da curiosidade: curiosidade começa com pergunta. Perguntar só é possível em um ambiente democrático, participativo, com uma prática docente crítica e uma percepção de ser educador-educando na relação com educando-educador. Uma acção educativa autoritária não consegue criar um ambiente facilitador e motivador para perguntas. O educador autoritário preocupado com sua falsa condição de controle (somente consegue autoridade porque é autoritário) teme não a pergunta mas sim a resposta que ele se obriga a dar porque crê em uma ingénua relação de saber. Assim não permite o desenvolvimento do acto de perguntar. Ilude e assume que a leitura e as respostas a estas leituras são conhecimentos frutíferos. Não que não sejam, mas o acto de perguntar e de ter dúvidas, inclusive sobre o conteúdo estas leituras, é castrado. Toda pergunta é valiosa. Não importa se é muito fácil ou muito ingénua para o educador. Porque perguntar é um hábito que tem que ser criado. É um jogo intelectual em que não há ganhadores ou perdedores, porque se houver torna-se o jogo de pergunta e resposta, e não é essa a proposta. O jogo da curiosidade é um jogo que tem como objectivo principal a descoberta, o espanto, a surpresa. Mas tem que ser contínuo. Para isso deve haver confiabilidade entre os participantes, compromisso com a dúvida e respeito sobre a curiosidade do outro. A espontaneidade e o humor no ambiente educativo ajudam e incentivam a criatividade: ao reprimir o educando reprime-se também a manifestação dos seus anseios. A imaginação e a expressividade fazem parte da construção da pergunta do educando. Nesta dimensão da criatividade, a disciplina tem um papel fundamental: ela evitaria a destruição da criatividade, a falsificação da imaginação. Perguntar exige aprendizado: formular a pergunta, estruturar a frase,

ressaltar o problema. Articular uma pergunta exige envolvimento do educador no seu apoio ao pensamento do educando. Os pontos de interesse do educando devem estar expostos na manifestação de perguntar. A dúvida é uma ponte que liga a curiosidade do educando com o tema proposto pelo educador. A teoria questionada pela curiosidade dos educandos contribui na aprendizagem da compreensão dos fenómenos. Fenómenos que antes poderiam estar distantes da realidade dos educandos ou dos fenómenos que mesmo fazendo parte do cotidiano dos educandos não eram envolvidos na análise e discussão do conteúdo programático.

Freire rompe com a dicotomia do saber popular e do saber científico. Insere o ensinamento da família e da sua história (pessoal e única) na educação. Rompe também com o absurdo instaurado da teoria *versus* prática, com a idéia de conhecimento inútil ou o saber necessário somente para obter uma boa nota. A compreensão dos fenómenos é o desvendar do mundo: e é essa a tarefa da educação. Para Faundez (1985) deve-se partir da realidade e através do conceito compreender a realidade. O conceito assim deve ser usado como mediação na compreensão da realidade. Nesta dinâmica realidade-conceito-realidade a ciência deve cuidar-se para não afastar-se demasiadamente do concreto porque esvaziaria o conceito que se tornaria nulo para a compreensão da realidade. Isso provoca a crença de que a linguagem dos cientistas e intelectuais nem sempre auxilia o cotidiano das massas populares. A descrição da realidade feita pelas massas populares é de fato concreta com o que se vive, se sente, se crê, se deseja. A descrição e compreensão dos educandos também. O cuidado da prática educativa é não permitir que o conceito torne-se imobilizado e imobilizante na compreensão da realidade. Perder-se no entendimento do conceito é a armadilha da fragilidade educacional na compreensão dos fenómenos. Desprezar os conceitos é ignorar

conhecimento. Na aula, a realidade dos educandos deve ser discutida e analisada segundo os conceitos que o educador pode e deve propor, mas ambos educador e educando têm como processo a compreensão da realidade, realidade esta vivida, próxima, importante para o educando. O educador incentiva e demonstra a participação activa e democrática na construção da compreensão desta realidade. Como um educador pode querer um mundo melhor se permanece afastado dos educandos e do mundo, não praticando uma educação democrática e libertadora? Somente uma prática educativa democrática, contextualizada na comunidade, integrada com os problemas sociais, levará os educandos a novas posturas na compreensão dos fenómenos.

Freire defende a democracia em um ambiente vivo, caracterizado pela participação ativa do povo no debate das idéias. A democracia não se resume ao voto: a verdade não se vota (o que se vota são os interesses).

Freire era o primeiro a se renovar. A variedade humana é a solução. Cada um de nós também é único. Para Mariátegui “saímos para o exterior, não para descobrir o segredo dos outros, mas para descobrir o segredo de nós mesmos” (In Faundez e Freire, 1985: 85). A relação de aprendizado com o outro importa porque não aprendemos sozinhos, aprendemos com o outro mediatizados pelo mundo. Mas esta busca pelo outro e a mediatização do mundo não devem anular a diversidade em nome de um unidade. A anulação da diversidade empobrece a unidade: quanto mais “outros” existirem maior e melhor a minha possibilidade de me compreender. Todavía, o que pode ocorrer hoje, é que ao sair em busca do outro encontro somente espelhos: são a minha própria imagem desenhada segundo a unidade na sociedade capitalista massificada e massificadora. A massificação da identidade atribui uma identidade individual frágil e momentânea e

uma identidade colectiva que aparentemente se apresenta socialmente forte e estruturada. Não se permite assim que, na curva do tempo, o indivíduo se conheça: ele apenas se reconhece no espelho social da unidade, o que não lhe permite uma reflexão-acção de si mesmo mais profunda e o entendimento mais crítico dos fenómenos.

Neste contexto de unificação *versus* diversificação na luta pela compreensão dos fenómenos, a educação necessita ser recriada. Este foi sempre o caminho de Freire. Uma reforma educacional não é suficiente. A educação necessita uma revolução para atender as exigências das compreensões dos fenómenos e das próprias humanas e humanos, para que contribua de facto na transformação do mundo, humanizando-o democraticamente. A educação necessita ser reinventada para não servir mais apenas aos defensores da injustiça, da manutenção da história de guerras, do nepotismo. A nova educação deve estar em um processo permanente de evolução. Mas esta nova educação só se solidifica na mobilização, organização e acção dos envolvidos na prática pedagógica. A nova educação não surge na mente de um cientista, no decreto-lei de um Estado, ou nas comissões extraordinárias de alguma ONG. O conhecimento elitista, que valoriza o que está ou busca estar formalizado, sistematizado, condicionado, deve ser superado por esta nova educação. O mesmo vale para o conhecimento mecanicista e a mecanização do conhecimento, assim como para o conhecimento massificador e reprodutor: tanto a falta como o excesso de informação podem possibilitar controle ideológico naquele que não tem formação crítica.

A quebra do espelho social é uma das contribuições que a nova educação pode oferecer à sociedade. A compreensão dos fenómenos requer um processo permanente. A tarefa da nova educação é ensinar este processo permanente de compreensão para poder se

tornar um ser em liberdade. A sociedade se transforma e por isso uma nova educação é indispensável. A sociedade se transforma porque nós, como seres essencialmente pedagógicos estamos sempre “em busca de”. Esta busca transforma os fenómenos políticos, económicos, culturais, sociais e também os próprios fenómenos pedagógicos. Nossa estrutura psicobiológica também influencia nossa ação e relação com o poder social. A pedagogia deveria então formar e formar-se em busca da participação activa, democrática, libertadora da compreensão e ação dos fenômenos. A sociedade formatada com um único espelho social é patológica. A compreensão de uma realidade mutante e mutável implica na construção de conceitos mediadores e não determinadores. A compreensão e acção dos e nos fenómenos é tarefa da nova educação, buscar a identidade na diversidade, a interacção social, a justiça e o convívio. Isso implica tolerância – que é revolucionária jamais conservadora. Freire lutou pela consolidação da justiça e da paz. Constituiu uma vida de aventura e poesia. Uma obra inovadora. Freire estava constantemente em busca de si mesmo em um processo permanente de libertação. Ele não queria ser reproduzido. Gostaria de ser recriado.